

**Julia Kristeva**

**ESTRANGEIROS  
A NÓS-MESMOS**

## FICHA TÉCNICA

---

### TÍTULO

ESTRANGEIROS A NÓS-MESMOS

---

### COPYRIGHT

© 1988, Livrarie Arthème Fayard

---

### CAPA E DESIGN

Carlos Gonçalves

---

### TÍTULO ORIGINAL

ETRANGERS A NOUS-MEMES

---

### IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Printhauss

---

### © DESTA EDIÇÃO:

De Facto Editores

---

### DEPÓSITO LEGAL

435867/17

---

### AUTORA

Julia Kristeva

---

### ISBN

978-989-8557-85-8

---

### TRADUÇÃO

Maria de Jesus Cabral  
João Domingues

---

### DATA

1ª Edição, Santo Tirso,  
novembro de 2017

---

### EDITOR

Paulo Cardo

---

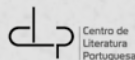
### COORDENADOR EDITORIAL

Eusébio André Machado

---

A presente publicação, coeditada pela De Facto Editores e pelo Centro de Literatura Portuguesa, insere-se nas atividades do grupo de investigação “Teoria da Literatura” (coord. Prof. Doutor Carlos António Alves dos Reis) do Centro de Literatura Portuguesa. Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/ELT/00759/2013.

Nenhuma parte desta publicação pode ser transmitida ou reproduzida por qualquer meio ou forma sem a autorização prévia do editor.



© Edição

DE FACTO EDITORES  
Rua de S. Bento, 93, 6º andar, sala 3  
4780-546 Santo Tirso – Portugal  
geral@defactoeditores.pt  
www.defactoeditores.pt

CENTRO DE LITERATURA  
PORTUGUESA (CLP)  
Faculdade de Letras  
da Universidade de Coimbra  
3004-530 Coimbra

---

A coleção “Diálogos em tradução” decorre dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do Grupo de investigação “Teoria da literatura” do CLP – Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, por natureza vocacionado para a problematização epistemológica e a correlação disciplinar.

Neste sentido, não parece difícil justificar a pertinência da tradução enquanto processo plurimilenar e intercultural de escrita, de leitura e de interpretação, determinante para o estudo da literatura e para a sua conceptualização. Tem, por isso, assumido um papel de crescente relevo no âmbito dos Estudos Literários e Culturais, na sua relação com os media e as artes performativas, ou ainda no cerne do conceito de “Literatura Mundial”.

É esse contacto de reciprocidades, de (co)incidências e de sinergias convocada pela tradução que se propõe ser reflexo e refletir esta coleção. Através da publicação de textos originais ou de textos fundamentais em tradução, pretende-se oferecer à comunidade contributos relevantes para a convergência dos saberes, com a precisão da linguagem científica e o alcance dos textos de divulgação.

Possam eles suscitar ecos e desenvolvimentos noutras (con) textos, revitalizando o princípio distintivo do diálogo na investigação.

João Domingues e Maria de Jesus Cabral  
Coordenadores

Ora, o essencial do revolucionário não está em operar a viragem enquanto tal, mas em trazer à luz o que a viragem comporta de decisivo e específico.

HEIDEGGER, *Nietzsche* (1961)

*Leitor hipócrita, meu semelhante,  
meu irmão ...*

BAUDELAIRE.

*Mas o que nos é próprio também deve ser aprendido,  
tal como o que é estrangeiro.*

HÖLDERLIN.

*Em país estranho, no meu próprio país.*

ARAGON.



# Índice

<b>TOCATA E FUGA PARA O ESTRANGEIRO</b> .....	11
<i>Felicidade queimada</i> .....	13
<i>A perda e o desafio</i> .....	15
<i>Sufrimento, exaltação e máscara</i> .....	16
<i>Afastamento</i> .....	18
<i>Segurança</i> .....	19
<i>Fragmentação</i> .....	19
<i>Uma melancolia</i> .....	20
<i>Ironistas e crentes</i> .....	21
<i>Encontrar</i> .....	22
<i>Liberdade única</i> .....	23
<i>Um ódio</i> .....	24
<i>O silêncio dos políglotas</i> .....	26
<i>“... os antigos desacertos com o corpo”</i> .....	28
<i>Imigrados e, por isso mesmo, trabalhadores</i> .....	29
<i>Escravos e senhores</i> .....	30
<i>Palavra nula ou barroca</i> .....	32
<i>Órfãos</i> .....	33
<i>Tendes amigos?</i> .....	35
<i>O “caso Meursault” ou “Todos nós somos Meursault”</i> .....	36
<i>Origens sombrias</i> .....	42
<i>Explosão: sexo ou doença?</i> .....	42

<i>Uma errância irónica</i>	
<i>Ou a memória polimorfa de Sébastien Knight</i> .....	45
<i>Porquê a França?</i> .....	51

**OS GREGOS ENTRE BÁRBAROS,  
SUPLICANTES E METECOS** .....

<i>Como se pode ser estrangeiro?</i> .....	55
<i>Os primeiros estrangeiros: estrangeiras (de Io às Danaides)</i> .....	56
<i>Suplicantes e próxenos</i> .....	61
<i>O estatuto dos estrangeiros na época arcaica</i> .....	64
<i>Os Bárbaros e os Metecos na Época Clássica</i> .....	66
<i>O cosmopolitismo helenístico</i> .....	73
<i>A conciliação estoica: universalismo...</i> .....	74
<i>... e perversão</i> .....	77

**O POVO ELEITO  
E A ELEIÇÃO DO ESTRANGEIRO** .....

<i>Estrangeiro ou prosélito</i> .....	83
<i>Rute, a Moabita</i> .....	89

**SÃO PAULO E SANTO AGOSTINHO:  
TERAPIA DE EXÍLIO E PEREGRINAÇÃO** .....

<i>Paulo cosmopolita</i> .....	97
<i>A nova Aliança</i> .....	101
<i>Civitas peregrina</i> .....	104
<i>Caritas</i> .....	106
<i>Hospitalidade peregrina</i> .....	107
<i>O Baixo-Império: uma integração dos peregrinos</i> .....	110
<i>O estrangeiro fluido na Idade Média: que fortuna?</i> .....	114



<b>ESTRANGEIRO?</b>	
<b>MAS COM QUE DIREITO?</b> .....	119
<i>Jus solis, jus sanguinis</i> .....	119
<i>Homem ou cidadão</i> .....	121
<i>Sem direitos políticos</i> .....	123
<i>Um direito com cedências</i> .....	126
<i>Pensar o trivial</i> .....	129
<b>ESTA RENASCENÇA,</b>	
<b>“DE UMA TEXTURA TÃO INFORME E DIVERSA”...</b>	131
<i>Dante o exilado: do “sabor a sal” ao “espelho dourado”</i> .....	131
<i>O Estado maquiavélico</i> .....	135
<i>Do maravilhoso de Rabelais às maravilhas do mundo, passando por Erasmo</i> ..	139
<i>Thomas More: uma curiosa Utopia</i> .....	144
<i>O eu universal de Michel de Montaigne</i> .....	146
<i>“Um gozo permanente”</i> .....	148
<i>Acerca dos canibais e dos coches</i> .....	149
<i>Viagens, cosmografias, missões</i> .....	153
<i>Um Gaulês cosmopolita</i> .....	155
<b>DE LUZES</b>	
<b>E DE ESTRANGEIROS</b> .....	159
<i>Montesquieu: o inteiramente-político e o privado</i> .....	159
<i>O estrangeiro: alter-ego do filósofo</i> .....	166
<i>O homem estranho, o cínico e o cosmopolita</i> .....	167
1 – O Sobrinho de Rameau, entre mim e Diógenes .....	167
2 – Fougeret de Monbron, um cosmopolita «de coração peludo» .....	175
3 – O Sobrinho em Hegel: a cultura como estranheza .....	181

<i>Seria francesa, a cultura?</i> .....	184
<i>Direitos do homem e do cidadão</i> .....	186
<i>Os estrangeiros durante a revolução</i> .....	194
1 - Fraternidade universal e nascimento do nacionalismo .....	194
2 - Anacharsis Cloots: o «Orador do género humano» contra a palavra «estrangeiro» .....	202
3 - Thomas Paine: o «cidadão do mundo» quer salvar o rei .....	206
<b>NÃO SERÁ A UNIVERSALIDADE... O NOSSO PRÓPRIO ESTRANHAMENTO?</b> .....	211
<i>Kant pacifista universalista</i> .....	212
<i>A nação patriota entre o «senso comum» e o «Volksgeist»</i> .....	216
<i>O nacionalismo como intimidade: de Herder aos românticos</i> .....	221
<i>Freud: «heimlich/unheimlich» — a inquietante estranheza</i> .....	228
<i>O outro é o meu (próprio) inconsciente</i> .....	229
<i>Uma semiologia da inquietante estranheza</i> .....	232
<i>Súbditos, artistas e... um rei</i> .....	234
<i>O estranho dentro de nós</i> .....	239
<b>PRATICAMENTE...</b> .....	241

## **Tocata e fuga para o estrangeiro**

Estrangeiro: raiva estrangulada no fundo da minha garganta, anjo negro perturbando a transparência, traço opaco. Insondável. Figura do ódio e do outro, o estrangeiro não é nem a vítima romântica da nossa preguiça familiar, nem o intruso responsável por todos os males da cidade. Nem a revelação em marcha, nem o adversário imediato que é preciso eliminar para pacificar o grupo. Estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face escondida da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se abismam o entendimento e a simpatia. Porque o reconhecemos em nós-mesmos, evitamos detestá-lo em si mesmo. Sintoma que precisamente torna o “nós” problemático, talvez mesmo impossível, o estrangeiro começa quando surge a consciência da minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos como estrangeiros, rebeldes aos laços e às comunidades.

Poderá o “estrangeiro”, que foi o “inimigo” nas sociedades primitivas, desaparecer nas sociedades modernas? Recordaremos alguns momentos da história ocidental em que o estrangeiro foi pensado, acolhido ou rejeitado, mas onde também a possibilidade de uma sociedade sem estrangeiros pôde ser sonhada no horizonte de uma religião ou de uma moral. A questão, ainda e talvez sempre utópica,

coloca-se hoje novamente, face a uma integração económica e política à escala planetária: será possível, intimamente, subjetivamente, vivermos com os outros, vivermos *outros*, sem ostracismo, mas também sem nivelamento? A modificação da condição dos estrangeiros que se impõe na atualidade conduz-nos à reflexão sobre a nossa capacidade de aceitar novos modos de alteridade. Nenhum “Código de nacionalidade” seria praticável sem a lenta maturação desta questão em cada um e para cada um.

Inimigo a abater nos grupos mais selvagens, o estrangeiro torna-se, na órbita das construções religiosas e morais, um homem diferente que, desde que adira, pode ser assimilado na aliança dos “sábios”, dos “justos” ou dos “naturais”. No estoicismo, no judaísmo, no cristianismo, e até no humanismo das Luzes, variam as figuras desta aceitação que, apesar dos seus limites e defeitos, permanece como uma proteção séria contra a xenofobia. A violência do problema colocado pelo estrangeiro hoje fica efetivamente a dever-se às crises das construções morais e religiosas. Ela deve-se essencialmente ao facto de que a absorção do que é estrangeiro proposta pelas nossas sociedades revela-se inaceitável para o indivíduo moderno, cioso da sua diferença, não apenas nacional e ética, mas essencialmente subjetiva, irredutível. Emanado da revolução burguesa, o nacionalismo tornou-se no sintoma, primeiro romântico, depois totalitário, dos séculos XIX e XX. Ora, ao opor-se às tendências universalistas (quer sejam religiosas ou racionalistas) e visando dominar, se não mesmo perseguir o estrangeiro, o nacionalismo não deixa por isso, também, de culminar no individualismo particularista e intransigente do homem moderno. Mas é talvez a partir da subversão deste individualismo moderno, a partir do momento em que o cidadão-indivíduo deixa de se considerar como uno e glorioso, antes descobre as suas incoerências e os seus abismos, as

suas estranhezas em suma, que a questão se coloca de novo: já não a questão do acolhimento do estrangeiro no interior de um sistema que o aniquila, mas antes a da coabitação destes estrangeiros que todos nós reconhecemos ser.

Não procurar fixar, nem coisificar o que há de estranho no estrangeiro. Tocá-lo apenas, levemente, sem lhe atribuir uma estrutura definitiva. Esboçar simplesmente o seu movimento perpétuo através de alguns rostos díspares implantados hoje sob os nossos olhos, através de algumas das suas figuras antigas, em mutação, dispersas ao longo da história. Atenuá-la, também, essa estranheza, voltando sempre a ela, mas cada vez mais rapidamente. Afastar-se do seu ódio e do seu peso, fugir-lhe, não através do nivelamento e do esquecimento, mas antes pelo retorno *harmonioso* das diferenças que ele supõe e propaga. *Tocatas e Fugas*: as peças de Bach evocam aos meus ouvidos o sentido que considero moderno da estranheza, reconhecida e pungente, *porque* ostentada, aliviada, disseminada, inscrita num jogo novo em formação, sem finalidade, sem limites, sem fim. Estranheza que mal se toca e logo se afasta.

### ***Felicidade queimada***

Existem estrangeiros felizes?

O rosto do estrangeiro queima a felicidade.

Primeiro cativa pela singularidade: aqueles olhos, aqueles lábios, aquelas maçãs do rosto, aquela pele diferente da dos outros distinguem-no e fazem-nos lembrar que existe ali *alguém*. A diferença deste rosto revela em paroxismo o que qualquer rosto deveria revelar ao olhar atento: a existência da banalidade nos humanos. No entanto é o banal, precisamente, que constitui uma comunidade para os nossos hábitos quotidianos. Mas esta atração, que nos cativa, dos traços do estrangeiro atrai e repele ao mesmo tempo: “sou tão

singular quanto ele e por isso gosto dele”, diz o observador; “ora, eu prefiro a minha própria singularidade e por isso mato-o”, pode ainda concluir. Do sentir-se cativado à repulsa agressiva, o rosto do estrangeiro força a manifestação secreta de olhar o mundo, de nos espreitarmos reciprocamente, até mesmo nas comunidades mais familiares, nas mais fechadas.

Para além disso, este rosto que é tão *outro* carrega consigo a marca de um limiar atravessado que irremediavelmente se imprime numa acalmia ou numa inquietação. Quer seja perturbadora ou alegre, a expressão do estrangeiro assinala que ele está ‘para além de’. A presença de uma tal fronteira interna em tudo o que se mostra desperta os nossos sentidos mais arcaicos para um gosto a queimado. Preocupação ou prazer queimados, ali apresentados nos seus traços outros, sem esquecimento nem ostentação, qual convite permanente a uma espécie de viagem inacessível, irritante, de que o estrangeiro não tem o código mas da qual guarda a memória muda, física, visível. Isso não significa que o estrangeiro pareça necessariamente ausente, tonto ou abatido. Mas a insistência num reverso – bom ou mau, agradável ou mortífero – perturba a imagem nunca uniforme da sua face e imprime nele a marca ambígua de uma cicatriz – é o bem-estar que lhe é próprio.

Com efeito, curiosamente, para além da perturbação, esta duplicação impõe ao outro, o observador, a sensação de uma felicidade especial, um tanto insolente, no estrangeiro. A felicidade parece prevalecer, *apesar de tudo*, porque algo foi definitivamente ultrapassado: é uma felicidade que foi arrancada, felicidade de quem corre, espaço de um infinito prometido. E no entanto é uma felicidade sinuosa, de uma discrição amedrontada, apesar da sua intrusão que perfura, uma vez que o estrangeiro continua a sentir-se ameaçado

pelo território de outrora, agarrado à lembrança de uma felicidade ou de um desastre – sempre excessivos.

É possível ser-se estrangeiro e feliz? O estrangeiro suscita uma ideia nova de felicidade. Entre fuga e origem: um limite frágil, uma homeostasia provisória. Pousada, presente, por vezes incerta, esta felicidade sabe que está em trânsito, tal como o fogo que só brilha porque se consome. A estranha felicidade do estrangeiro consiste em manter esta eternidade em fuga ou esta transitoriedade perpétua.

### ***A perda e o desafio***

Há uma ferida secreta, por vezes desconhecida por ele próprio, que propulsa o estrangeiro para a errância. Este mal-amado não a reconhece: nele, o desafio faz calar o lamento. São raros os que, tal como alguns Gregos (assim acontece com *As Suplicantes* de Ésquilo), os Judeus (os fiéis no muro das Lamentações) ou os psicanalistas, levam o estrangeiro a confessar uma súplica humilhada. “Não foram vocês que me fizeram mal”, nega, feroz, este intrépido, “fui eu que escolhi partir”; sempre ausente, sempre inacessível a todos. No mais recôndito lugar da memória, sente-se deliciosamente ferido: incompreendido por uma mãe amada e no entanto distraída, discreta ou preocupada, o exilado é estrangeiro para a sua própria mãe. Não chama por ela, nada lhe pede. Orgulhoso, agarra-se ciosamente ao que lhe falta, à ausência, a algum símbolo. O estrangeiro seria o filho de um pai de cuja existência não há qualquer dúvida, mas cuja presença não o retém. A rejeição de um lado, o inacessível do outro: se tem força para não sucumbir, resta-lhe procurar um caminho. Agarrado a este outro lugar tão seguro quanto inabordável, o estrangeiro está pronto para fugir. Nenhum obstáculo o para, e todos os sofrimentos, todos os insultos, todas as rejeições lhe são indiferentes na busca deste território invisível e prometido, deste